

O MITO DO (JURA)BOTO: UM ESTUDO SOBRE ENCANTARIAS E IMAGINÁRIO NA POÉTICA DE ANTONIO JURACI SIQUEIRA

Geovane Silva Belo *
Victor Salgado de Melo**

RESUMO

Este trabalho tem como desígnio analisar a poética do imaginário amazônico e a representação do Boto na escrita do poeta Antonio Juraci Siqueira e mostrar como essa linguagem de encantarias forma a cosmogonia do universo amazônico. O corpus da pesquisa são dois poemas presentes na antologia poética "Incêndios e Naufrágios" (2007). O estudo se subsidiará em autores do campo do imaginário, em especial o amazônico, dentre eles Paes Loureiro (2000, 2008, 2009, 2016), procurando evidenciar como o mito do boto se traduz na poética e atravessa a realidade do universo amazônico. Com isso, as reflexões propostas procuram demonstrar como este encantado afeta a realidade do universo amazônico e está presente na obra/vida do poeta denominado Juraboto. Espera-se que seja possível entender como as obras de Juraci Siqueira, ligadas ao universo amazônico, representam os traços desta cultura multifacetada e impregnada pela viscosidade espermática e fecunda do imaginário (LOUREIRO, 2016).

Palavras-chave: Cultura Amazônica. Mito do Boto. Juraci Siqueira. Poética do imaginário. Literatura da Amazônia.

THE MYTH OF (JURA)BOTO: A STUDY ON ENCHANTMENTS AND IMAGINARY IN THE POETIC OF ANTONIO JURACI SIQUEIRA

ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze the poetics of the amazon imaginary and the representation of Boto in the work of the poet Antonio Juraci Siqueira and show how this language of enchantment forms the cosmogony of the amazon universe. The corpus of the research are two poems present in the poetic anthology "Incêndios e Naufrágios" (2007). The study will subsidize in authors from the field of the imaginary, especially the Amazon one, among them Paes Loureiro (2000, 2008, 2009, 2016), trying to show how the myth of the boto translates in the poetics and crosses the reality of the amazon universe. With this, the proposed reflections seek to demonstrate how this enchanted affects the reality of the amazon universe and is present in the work / life of the poet named Juraboto. It is expected that it is possible to understand how the works of Juraci Siqueira, linked to the Amazon universe, represent the traits of this multifaceted culture and impregnated by the sperm and fertile viscosity of the imaginary (LOUREIRO, 2016).

Keywords: Amazon Culture. Myth of the Boto. Juraci Siqueira. Poetics of the imaginary. Amazon literature.

EL MITO DE (JURA) BOTO: UN ESTUDIO SOBRE EL ENCANTO Y IMAGINARIO EN LA POESÍA DE ANTONIO JURACI SIQUEIRA

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar la poética del imaginario amazónico y la representación del Boto en la escritura del poeta Antonio Juraci Siqueira y mostrar cómo este lenguaje de encantos forma la cosmogonía del universo amazónico. El corpus de la investigación son dos poemas que están en la antología poética "Incêndios e Naufrágios" (2007). El estudio cuenta con el apoyo de autores en el campo del imaginario, en particular de lo amazónico, entre ellos Paes Loureiro (2000, 2008, 2009, 2016), que intenta mostrar cómo el mito del boto se traduce en poéticas y atraviesa la realidad del universo amazónico. Así, las reflexiones propuestas buscan demostrar cómo este encanto mítico afecta la realidad del universo amazónico y está presente en la obra/vida del poeta llamado Juraboto. Se espera que se comprenda cómo la obra de Juraci Siqueira, vinculadas al universo amazónico, representan las características de esta cultura multifacética e impregnada por la viscosidad espermática fecunda del imaginario (LOUREIRO, 2016).

Palabras-clave: Cultura Amazónica. Mito del boto. Juraci Siqueira. Poética del imaginário. Literatura amazónica.

* Docente do Curso de Letras na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) em Tomé-açu. Doutor em Educação pelo PPGED/UFPA, mestre em Artes pelo PPGARTES/UFPA, pós-graduado em Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Pará (UEPA).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7737-126X>

E-mail: geovanebelo@hotmail.com

** Pós-Graduando em Educação Social e Cidadania pelo Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR). Graduado em Letras - Língua Portuguesa (UFRA) e Inglesa (UNICESUMAR). Foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como membro do Programa Residência Pedagógica (2018-2020).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1081-3438>

E-mail: v.salgadamelo@bol.com.br



1 INTRODUÇÃO

O cheiro e a cor da floresta, a forma serpentear dos rios e a biodiversidade que constitui a Amazônia são elementos irrepetíveis que hoje, de maneira sutil, disputam espaço com o romper das fronteiras por via do fenômeno de mundialização das culturas, decorrente do processo de globalização, no qual se pode perceber que há um movimento de universalização do local, bem como outro de localização do universal.

Apesar de tal movimento e diálogo entre as heterogeneidades culturais, em que as culturas se tocam de modo a se hibridizarem, ainda podemos perceber traços peculiares quanto a significações de elementos e (re)criações de uma e/ou a partir de uma realidade/paisagem específica, impregnados por uma identidade conectada à tradição.

Pelo trajeto dessa correnteza que constitui o real, a Amazônia oferece um cenário inimitável, que inspira a criação, pelo ribeirinho, de uma realidade ressignificada na qual os elementos do universo natural mudam de função, transfigurados em um processo que Paes Loureiro (2009) denomina conversão semiótica. A floresta deixa de exercer, no imaginário amazônico, seu caráter funcional e passa a se tornar a morada de seres mítico-lendários; o mesmo ocorre também com o rio que assume uma dimensão existencial nova e passa a se tornar a habitação, o reino submerso de encantados como a cobra grande e o boto conquistador. E é especialmente, neste último, que o presente trabalho se deleita, mergulhando em suas representações, em especial, na Literatura da Amazônia. Mas antes, é de salutar importância mencionar os discursos imersos na experiência amazônica, quanto às vivências, à memória, às narrativas orais e a tradutibilidade destas manifestações na poesia.

Seguindo Loureiro (2016), o que acontece para o processo de transfiguração do boto nas narrativas que constituem a crença no imaginário do nativo é um fenômeno de (re)hierarquização da linguagem, em que o indivíduo amazônico, durante a manifestação discursiva do mito, deixa de usar a função referencial da linguagem para fazer uso da função poética que, conseqüentemente, deságua no processo de conversão semiótica, em que o mito com o seu narrar deixa a função mágico-religiosa da linguagem e se lança à função estética.

É neste diapasão que o presente trabalho busca realizar uma análise da figura mítica do boto na poética do imaginário, na escrita do poeta paraense Antonio Juraci Siqueira, procurando analisar nela, como a encantaria do imaginário se faz presente, estabelecendo uma relação entre a cultura amazônica e a escrita do poeta, visando demonstrar como a figura do boto afeta a realidade do universo amazônico e, de certa forma, como o imaginário, pelo devaneio, proporciona a (re)criação de uma realidade invisível que gera a cosmogonia amazônica.

Para tanto, inicialmente com o afã de elucidação, procuraremos expor uma breve abordagem de como se constitui o mito do boto na cosmovisão amazônica e, posteriormente, entender a relação entre Juraci Siqueira, a cultura ribeirinha e as enchentes de memórias em sua poética das águas.

Por fim, não com a intenção pretensiosa de apresentar uma análise cabal, procuraremos analisar como se constitui a mitopoética em "O Boto" e "O boto (des)Encantado", poemas que emergem do rio de produções de Juraci Siqueira e constituem o corpus do presente trabalho.

2 A CONSTITUIÇÃO DA NARRATIVA MITOLÓGICA DO BOTO E O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO

A concepção de mito exposta por Oliveira e Lima (2006) trata de uma tentativa de explicação da realidade, de seus elementos e, também, de fenômenos específicos que a cercam. Essa tentativa de explicação se dá por meio de (re)criações a partir de um mergulho na profundidade das coisas reais, objetivas e corriqueiras, que compõem a estrutura das narrativas orais.

Nesse sentido, o mito se constitui não como uma mentira, mas sim como uma maneira de sentir, ser, contar, explicar diferentes aspectos da realidade, atingindo o inatingível, transfigurando-a com significado, coerência e consistência (OLIVEIRA; LIMA, 2006) em uma relação harmônica do sujeito com a natureza, vivenciada pelo devaneio como uma experiência única e inaudita por meio das narrativas, que correm no fluxo das marés da linguagem, (re)enchendo de significado o rio e o boto, em um processo criado pelo imaginário estetizante que "a tudo impregna com sua viscosidade espermática e fecunda, acentuando a passagem do banal para o poético" (LOUREIRO, 2016, p. 86).

Esse imaginário, no fluxo das enchentes narrativas, recorre (no caudaloso rio da linguagem) a elementos da existência amazônica, no caso em questão, o rio e o boto, preparando-os para conceder-lhes o toque estético.

O boto é um mamífero cetáceo, da família dos platanistídeos e delfínídeos, marinhos e de água doce, que pode alcançar mais de dois metros de comprimento e diâmetro aproximado de 70 cm. Corresponde, nas águas doces, ao golfinho ou delfim do mar. Das seis espécies conhecidas, três pertencem à bacia Amazônica. Destacam-se o Boto-preto e o vermelho. O Boto-preto é tido como o que protege. O Boto-vermelho é o Don Juan das águas, sedutor das moças donzelas e mulheres casadas. (LOUREIRO, 2000b, p. 200)

Indo além da superfície prática e referencial da linguagem, detenhamo-nos agora ao submerso, à profundidade em que, de acordo com Loureiro (2016), precisamos saber ver para efetivamente ver.

Por se tratar de uma narrativa oral, existem algumas variantes. Uma delas aponta a gravidez sem existir a relação sexual, durante o período menstrual a mulher engravidaria somente pelo olhar do Boto. Outra versão diz respeito ainda à perspectiva da transfiguração de animal em humano, a visitas noturnas que o Boto faz à mulher quando o marido sai para realizar atividades relacionadas à caça ou à pesca.

Herói dominante do sistema de narrativas da lenda, o Boto, durante sua passagem da água para a terra, faz uma experiência do percurso da conversão semiótica. Na água, é um animal encantado que revela toda uma ordem simbólica ligada a cultura. Na terra, ele assume a forma de um rapaz de roupa branca, que é sua forma de aparência. (LOUREIRO, 2000a, p. 340).

Além da conversão semiótica, Loureiro ressalta a aparência humana do Boto, um rapaz sedutor de "olhos negros, brilhantes e enfeitiçados" e que guarda somente um signo de identificação herdado de sua condição animal:

Um orifício originário, semelhante ao de uma glândula, sobre a cabeça erotizada do Boto enquanto delfim, índice da condição animal que permanece sobre a cabeça do jovem. É um signo de "realismo mágico", neste personagem de herói amoroso. (LOUREIRO, 2000a, p. 341)

A conversão semiótica sendo a (re)hierarquização de sentido, realiza-se a partir da mudança de significado, no interior da cultura, em que a mudança acontece quando o Boto, ser encantado, deixa a sua forma existencial animal e transfigura-se em humano. Neste caso, o animal não mais existe como ser que habita o rio e possui uma função específica no ecossistema do mundo natural, mas como encantado que habita o entrelugar e vem intervir na realidade das comunidades ribeirinhas, a partir do imaginário, que vai sendo levado pelas correntezas do devaneio e acaba aproximando o natural e o sobrenatural. Assim, “a convivência com o sobrenatural é um dos traços comuns da vida amazônica” (LOUREIRO, 2000b, p. 199).

Deste modo, durante a narrativa mitológica, a linguagem deixa de exercer a função referencial, objetiva, cotidiana, para transfigurar o rio no reino do encantado Boto sedutor, em um percurso que parte do visível, concreto e real, para o invisível, surreal e impalpável, porém, percebido e sentido como existente. Nesse sentido, partindo de Loureiro (2009), podemos perceber que os elementos que compõem a vida social e deságuam no mito, realizam um percurso que vai do antropológico ao poético, por partir do sujeito amazônico e dos elementos que fazem parte de sua realidade prática: o rio, o boto, a cobra grande, a floresta... nascendo assim, uma nova realidade pelo olho d’água[1] do imaginário.

Essa nova realidade se constitui não como uma mentira, mas como mito, considerado como verdadeiro pelo ribeirinho, como algo que não pode ser tocado, somente vivido. Aqui se encontra a essência do mito. Ele não se produz, ele simplesmente é, “sendo um modo de ser e não do fazer, do conceber, não do provocar” (LOUREIRO, 2009, p. 153) e, assim, no imaginário, o boto torna-se“(…) um ser-não-sido, / um ser que sendo, não é ...” (SIQUEIRA, 2007, p. 108).

É exatamente esse aspecto de ser do mito que expressa que “há, no espírito humano, uma força imaginal capaz de construir e criar imagens, ideias, situações, contextos, sagacidades e uma infinidade de coisas que se estabelecem no imaginário como objeto do real, sentido, percebido” (TORRES; BARROS, 2017, p. 2), com o intuito de explicar ou justificar um fenômeno presente no seio de uma dada cultura.

Segundo o mito, em noites de festas, arraiais em homenagem a santos padroeiros das comunidades ribeirinhas, o Boto sai de seu reino (rio) e transforma-se em um rapaz garboso, bonito, trajado de branco, olhos negros e, com uma cabocla, dança de modo impecável de maneira a impressionar a todos que assistem a tal espetáculo. Entretanto, antes de amanhecer desaparece com a moça que é encontrada pela manhã às margens do rio, “malinada” e guardando no ventre a semente que foi concebida sob o efeito do encantamento.

Assim, os elementos naturais da realidade pescados pelas malhas das redes do devaneio assumem formas transfiguradas, nas quais, o Boto, transmutado, frequenta as festas das comunidades ribeirinhas, dança, seduz e “emprenha” (engravidar) as moças, sejam essas virgens solteiras ou mulheres casadas e, depois disso, retorna à condição animal. Este processo, explicado pela maré vazante da racionalidade é, de certo modo, improvável. Portanto, é nessa vazante explicativa da paternidade desconhecida das “crias” (proles) das caboclas amazônicas “malinadas”, que emerge o fenômeno mítico, transcendendo as águas turvas das violações morais e éticas das comunidades ribeirinhas, procurando explicar o improvável, dizer o indizível, se revelando “como sendo a base de uma cosmogonia do pensamento humano” (LOUREIRO, 2006) que, na poética de Juraci Siqueira, dá-se a partir da realidade (re)criada pelo ribeirinho em um diálogo entre a literatura, a cultura e a sociedade amazônicas.

[1] Nascente, de onde despenda uma fonte de água.

As águas desse diálogo chegam à sociedade amazônica, pelo fato de o mito do Boto, de certa maneira, inundar as estruturas sociais, assim, para o entendimento do constructo simbólico vale destacar que as primeiras versões históricas datam de aproximadamente 160 anos (TORRES; BARROS, 2017, p. 5) conforme registrou Henry Walter Bates que esteve na Amazônia como naturalista entre 1848 e 1859.

Esse também é um momento significativo para a região que recebeu a evangelização dirigidas aos povos indígenas com a chegada de várias congregações e instituições religiosas, tais como os jesuítas, mercedários e carmelitas. Esse dado é significativo na análise que ora nos ocupa a mente, na medida em que sinaliza para o aumento de clérigos e as sexualidades contidas e proibidas, o que dá pujança valoral ao mito do boto. (TORRES; BARROS, 2017, p. 5).

Deste modo, o mito do Boto surge como uma explicação para um fenômeno social, procurando manter o ritmo da correnteza ética que estrutura uma moral social.

Nesse sentido, Josse Fares (1996) expõe a visão de Loureiro de que a narrativa do Boto encantado livra (ou dissuade) a mulher cabocla de três interditos aos olhos da sociedade. O primeiro abafa a perda da virgindade ou adultério, considerando que o Boto, advindo das águas escuras do rio, seduz a mulher e, depois de descarregar sua pulsão erótica, retorna ao seu reino de águas; o segundo, a relação sexual entre ser humano e animal, considerando que, no momento da cópula, o boto é homem; e no terceiro, a relação sexual durante período menstrual, visto que quando a mulher está nesse período, “enluada”, o boto é atraído, engravidando-a pelo olhar. Os três interditos são, assim, de certa forma, bases sociais que permitem o diálogo entre o ordinário e extraordinário na constituição do mito. Nesse sentido, o mito constitui-se de uma resposta às questões sobre o mundo e os fenômenos que o compõem, como observa Oliveira e Lima (2006).

A cultura navega, também, nessas águas do imaginário por permitir ao sujeito uma relação estética com a natureza, na qual o real e o imaginário se confundem em uma interpenetração que resulta numa tonalidade simbólica da realidade experienciada, banhando o cotidiano em uma fronteira, “um elemento que estabelece uma divisão imprecisa e sem delimitações” (LOUREIRO, 2016, p. 128). Deste modo, a paisagem da realidade se torna o palco da encenação que, em consonância com Loureiro (2009), opera-se através da linguagem... esta que, na poética de Antonio Juraci Siqueira, converte-se em literatura, mais precisamente da Amazônia, em que, pode-se considerar, uma tradução como “ponto de partida e não um fim em si mesma” (FERNANDES, 2004), e que de certo modo

dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade (CANDIDO, 2000, p. 23).

Nesse sentido, a literatura produzida por Antonio Juraci Siqueira concede representatividade simbólica ao mito do Boto por meio de uma poética que faz emergir das águas do imaginário as memórias e as encantarias do mundo amazônico.

3 JURABOTO: A CULTURA AMAZÔNICA E AS ENCANTARIAS SUBMERSAS DA MEMÓRIA

A Amazônia, de fauna e flora multifacetadas, ainda possui recantos, onde se situam comunidades ribeirinhas, marcados pelo distanciamento sócio-tecnológico das urbes modernas. Neste cenário, em que a vida mantém uma relação mais imersa na floresta, na poética das águas, ocorrem experiências que assumem diferentes representações a partir do devaneio, da cosmovisão mítica.

E também, é por meio desse contato que Antonio Juraci Siqueira faz emergir sua escrita, banhada nas subjetividades das existências amazônicas, de modo que, em sua obra, arte e vida se confundem (SILVA, 2015, p. 38), chegando ele mesmo a afirmar-se Boto, melhor dizendo, Filho do Boto.

Sempre que questionado sobre a presença, em suas obras, de elementos culturais e patrimoniais vivenciados culturalmente no território marajoara, o poeta relaciona esta ocorrência a vivência no arquipélago de Marajó. Transitando de ilha em ilha, entre memórias longas e curtas, coletivas e afetivas, o Juraboto relembra e recria as histórias que ouviu, viveu e/ou escreveu ao longo de sua existência de poeta. (SILVA, 2015, p.33).

Portanto, em consonância com Silva (2015), pode-se perceber que há uma forte relação das vivências do autor com seus escritos, um manifestar, por meio destes, da potência existencial latente, submersa em suas memórias de sujeito amazônico. Memórias, de acordo com Michael Pollak (1992, p. 201), no sentido de um fenômeno constituído individual e socialmente, em que o sentimento de identidade se faz presente dando sentido à “imagem de si, para si e para os outros”, resultado de experiências que o sujeito adquire ao longo da vida, imagens que são apresentadas a si e aos outros, imagens atravessadas por encantarias que dão ritmo à realidade.

Ao memorar sua trajetória de vida desde a juventude nos Marajós, suas andanças por outras regiões, até chegar a sua vivência atual, tal como pode ser visto em alguns de seus trabalhos, Juraci Siqueira passa a dar vida à lenda do Boto, sem que assim, perca-se de sua própria. Um devir-boto. O Juraboto. Assim sendo, escrita e performance tornam-se um fator de existência do poeta, fazendo com que este, ao escrever, exista tanto como o lendário Boto, quanto como um poeta atravessado por experiências e memórias individuais e coletivas. (SILVA, 2015, p.35).

Antonio Juraci Siqueira nasceu no município de Afuá, localizado no arquipélago de Marajó e estabeleceu os primeiros contatos com a literatura por meio de folhetos de cordel, herança cultural nordestina que chegou ao Pará pelos imigrantes que buscavam melhorias de vida no período do ciclo da borracha e que se caracteriza pela narração de fatos cotidianos. Traços dessa literatura, também, fazem-se presentes na poética amazônica do imaginário de Juraci Siqueira. O poeta possui licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e, divulgando seus trabalhos em eventos culturais e diversas programações realizadas nas escolas do estado, apresenta-se como “um poeta de múltiplas faces e que transita entre o urbano e o rural, o erudito e o popular, entre a inovação e o tradicional” (SILVA, 2015, p. 26).

Considerando a noção de sujeito sociológico apresentada por Stuart Hall (2006), em que se reflete a consciência de que o interior do indivíduo não é autônomo e autossuficiente, mas formado nas relações com outras pessoas que mediam valores, símbolos e sentidos culturais do mundo, podemos perceber que na Amazônia o que produz essas significações são as narrativas orais que se configuram em práticas de entrelaçamento dos sujeitos com a natureza.

É nesse sentido que Juraci Siqueira, o Boto-poeta, deixa transparecer em sua poética a relação com a natureza, bem como faz emergir dela, como narrador do mundo amazônico, traços voltados para a tradição oral, pois descreve elementos culturais que se fizeram presentes no período infanto-juvenil da sua existência (SILVA, 2015) e atravessam suas produções, de maneira que memórias individuais, coletivas, vida e obra se entrelaçam em um diálogo entre o imaginário e as suas representações literárias.

Ao convidar para o palco da literatura os elementos vividos e selecionados pela memória, o poeta, mesmo que obrigado pelo seu ofício da escrita a utilizar as regras métricas características da expressão literária de que lança mão – como é o caso da literatura de cordel – entretanto, não limitado por ela, converte-se em narrador do mundo em que vive ou já viveu, pois, assim como na oralidade, o poeta que relata seu mundo, também está à mercê da natureza seletiva da memória. (SILVA, 2015, p. 75).

Assim podemos entender a relação entre a vida e a obra do poeta como uma imersão nas suas memórias, histórias ouvidas e (re)contadas em conversas sobre o rio e suas encantarias. De certa forma, por meio do imaginário, tais elementos destas narrativas atravessam a realidade e “passam a fazer parte da própria essência da pessoa” (POLLAK, 1992, p. 201).

Nesse sentido, Juraci Siqueira, por meio de sua mitopoética, transver a realidade, não para viver no irreal, e sim na fronteira, no entrelugar, de forma se torna um Boto-poeta, o “Juraboto”.

A relação entre homem, floresta, rio, arte e a cosmologia presente no imaginário coletivo da região marajoara, no trabalho deste artista, cria possibilidades outras de pensar a região e atuando contra a noção de progresso que valoriza o desenvolvimento urbano das cidades e lega, ao ostracismo, a natureza e a cosmologia dos povos tradicionais (SILVA, 2015, p. 39).

Assim, em um nado nas águas que confluem memórias individuais, coletivas e a cultura amazônica, o Juraboto perpetua a tradição das narrativas orais, coadunando mito e poesia, sujeito e natureza, o real e o imaginário fazendo emergir das águas profundas e misteriosas do rio da memória a intelligentsia ribeirinha, potente e criadora, que concede, pelo devaneio poetizante, o valor estético para a cultura deste universo chamado Amazônia.

4 A MITOPOÉTICA DE JURABOTO

Ao mergulhar no rio da linguagem, buscaremos esmiuçar uma análise da poética do imaginário amazônico e as representações da figura mitológica do Boto na escrita jurabotiana, compreendendo a relação entre cultura e literatura que, em uma correnteza de maré vazante, deságua em uma mitopoética. E para um melhor entendimento da conversão e, em certo sentido, da coadunação, harmonização e entrelaçamento entre mito e poesia, também deixar se levar pelas correntezas do imaginário que esse mergulho devaneante proporciona.

Segundo Loureiro (2000a, p. 317), “o imaginário é um devaneador assumido e tem nas mitopoéticas a sua expressão sensível”. Ao observar na poética de Juraci Siqueira, notamos que a conversão semiótica do mito em poesia se dá no campo da linguagem, quando esta deixa de exercer a função informativa e passa exercer a função poética.

No uso informativo da linguagem, quando predomina a eficácia da função referencial, que representa o seu uso comum e não artístico, quando o processo de comunicação parece ser o uso privilegiado da linguagem, a dimensão poética está contida em potência, submersa, capaz de se tornar dominante, no momento em que o poeta, pelo toque criador na palavra poetizada, faz a poesia fazer emergir na escrita o poema-forma privilegiada e essencial da expressão poética. (LOUREIRO, 2000a, p. 319-320).

Assim, na poética de Antonio Juraci Siqueira, o mito do Boto assume uma direção nova: ele se converte também em poesia de modo a resultar em uma mitopoética do imaginário, em que, acompanhando Paes Loureiro (2000a), a linguagem dominante deixa de exercer função mágico-religiosa e se lança à estética.

Quando o mito, deixando de ser algo que parte de estados de fatos naturais ou sociais, buscando a reiteração de sentido, passa a se constituir numa significação metafórica, alegórica, numa imagem, numa ficção, num modo irruptivo do instante revelador que nunca é igual a outro. (LOUREIRO, 2000b, p. 321)

E de um modo irruptivo, a narrativa do Boto ganha representação na poesia de Juraci Siqueira, fazendo emergir elementos transmutados no que chamamos poética das águas. O primeiro concerne a um traço peculiar do Boto: a necessidade de amar e a existência de solidão nas águas profundas e misteriosas do rio em “O Boto”; e o segundo, resvala na questão de como a narrativa do poema “O Boto (des) Encantado” representa o mito, como traço, não oposto, mas imanente à realidade.

4.1 Apelo à pulsão do Boto

O Boto

Se encontrares o Boto em teu caminho
numa grávida noite de luar,
empresta-lhe teu colo e teu carinho,
envolve-o nos lençóis do verbo amar.

Não o deixes seguir triste e sozinho
rumo às alcovas abissais do mar.
A solidão é pontiagudo espinho
Que fincado no peito o faz sangrar.

Não o temas, por Deus, ele é somente
Um ser que nesta vida cumpre o fado
De procurar, apaixonadamente,

Alguém com quem possa deitar-se ao lado
e entre segredos e ais guarde a semente
de um fruto tão profano e tão sagrado. (SIQUEIRA, 2007, p. 121).

O rio, sendo reino submerso do encantado Boto, imputa-lhe uma existência de solidão, tanto é que por isso, no soneto acima, a voz do poeta manifesta um pedido afetivo (pelo Boto) e lança-o ao imaginário das caboclas ribeirinhas, como se constata pela leitura dos versos: “Se encontrares o Boto em teu caminho” e “envolve-o nos lençóis do verbo amar”. Lençóis, aqui, banha-se em uma conotação de afago, aconchego... e nisso podemos notar que existe uma quebra com as narrativas orais tradicionais que manifestam o Boto como o sujeito encantado, sedutor que emprenha a caboclada ribeirinha. Destarte, essa voz narrativa presente no soneto atribui ao Boto a necessidade de companhia, tendo em vista que ele vive diuturnamente “nas profundezas abissais do mar”/rio que o vitima a uma existência solitária e, para sair dela, emerge o hímen da superfície das águas.

Nos dois últimos tercetos, dois elementos interessam à tradução do mito. O primeiro a respeito da justificativa de que o encantado Boto deve sempre buscar encontrar uma mulher para descarregar sua pulsão erótica, à semelhança dos deuses da mitologia grega, que desciam do Olimpo para estabelecer relações sexuais com humanos. Entretanto, como observa Loureiro (2008), o rio, na esfera amazônica, constitui um Olimpo submerso e é dele que o Boto emerge. O outro ponto que ora nos arrasta pelas correntezas do devaneio trata da dualidade *profano x sagrado*, ao se referir ao fruto da relação de um ser encantado, mitológico (o Boto) com um ser humano (mulher seduzida). Nesse sentido, ainda em Loureiro (2008), podemos notar que o filho do Boto se alinha ao equivalente traço antropológico, tendo em vista que há uma conversão semiótica do divino em humano, em uma analogia do deus em semideus.

Deste modo, no último terceto, a metáfora da semente é utilizada como representação simbólica resultante de uma cosmogonia do desejo que gera um novo ser, fruto da relação do humano com o não-humano. Esse fruto assume também uma dimensão simbólica, visto que segundo relatos, quando o filho do Boto morre afogado, é sinal de que ele vai ao encontro do pai...

4.2 “O Boto (des)Encantado”

No poema “O Boto (des)Encantado”, Juraci faz emergir a cosmogonia do mito, iniciando o processo de conversão semiótica a partir das funções da linguagem, fazendo vir à superfície as transfigurações banhadas pelas águas do imaginário.

De acordo com Loureiro, “as pessoas sentem que algo existe, enquanto que, pela poesia, elas sentem a sua própria existência. Instaurando o mito na palavra, a poesia instaura o ser do mito dessa palavra” (2009, p.154).

Então, chegamos aqui a confluência entre mito e poesia, em que um está impregnado pelo outro e ocorre a coadunação do sujeito às encantarias. Assim, os elementos do real são transfigurados ao imergirem e serem levados pelas correntezas do imaginário amazônico (re)criador.

Essa confluência, esses atravessamentos que afetam a realidade da cultura ribeirinha estão representados pela cenarização poética que evoca as margens do rio como lugar privilegiado dos enigmas da Amazônia, onde estão “os arquivos culturais do mundo amazônico, os manguezais simbólicos da nossa cultura, as raízes submersas da alma cabocla” (LOUREIRO, 2016, p. 126).

Para o sujeito amazônico a vida e o rio são entrelaçados, vivem uma relação dialética em que um é levado pelo outro, como podemos ler nos seguintes versos: “É o rio trazendo a vida, / é a vida levando o rio: / um do outro carecendo / no eterno ofício de ser”. E nessa relação de interdependência, em que um está atravessado pelo outro, observarmos como

O escritor pronuncia-se a respeito das águas exibindo uma cheia com caráter antropomórfico, uma vez que, na Amazônia, os rios são soberanos e o predomínio das águas sobre a terra demonstra o quanto o rio dita o ritmo de vida dos homens, porque o rio é o caminho, lugar de circulação, trocas, paisagens e miragens. (PINTO, 2008, p. 03).

Nessas paisagens, miragens e trocas de significações, os encantados se fazem presentes, tendo em vista que

De quando em vez, solitário,
um Boto deflora o hímen
das águas turvas do rio... (SIQUEIRA, 2007, p. 103)

No mito, geralmente em noites de festividades, o encantado emerge das águas turvas, profundas e misteriosas do rio, instaurando intranquilidade sobre as comunidades ribeirinhas. Transfigurado em rapaz, trajado de branco e vindo das cabeceiras do tempo, corporifica-se o traço cosmogônico e atemporal do Boto encantado... o feitiço que arrebatava as donzelas.

Tudo teve início quando
um moço de fato branco
saído das cabeceiras
do tempo – rio imutável –
passou a dançar nas festas
caboclas dessas paragens.

Com seu chapéu de abas largas
sombreando-lhe as feições
de traços enigmáticos,
relógio de pulso, negros
sapatos e um cinturão
com dois rubis na fivela,
fincava ilusões nas almas
das donzelas do lugar. (SIQUEIRA, 2007, p. 105)

Como se vê nos trechos acima, a representação do encantado na mitopoética se compõe de elementos do cotidiano: chapéu de abas largas, insinuando mistério ao cobrir com sombra a face; relógio; sapatos negros; cinturão à mostra; enfim, um traje que emana poder, domínio, elegância e, ao mesmo tempo, magia (encanta, atrai) as paragens caboclas. A partir desses elementos, podemos estabelecer uma analogia com os interditos sociais, outrora, nas festividades ribeirinhas apareciam os regatões, donos de embarcações que chamavam atenção pela vestimenta e dinheiro, e também costumavam dançar e estabelecer relações sexuais com as mulheres e moças das comunidades em troca de bijuterias, perfumes e comida, à semelhança do colonizador europeu que iludiu o índio com quinquilharias.

As comunidades ribeirinhas da região amazônica sofrem por conta do isolamento geográfico e do difícil acesso aos serviços de políticas públicas. Neste contexto, não poucas vezes, as ocorrências de abuso e exploração sexual, na maioria dos casos, vitimando jovens entre 12 e 17 anos. Além disso, vemos que os casos de prostituição infantil são comuns, em especial, de meninas que têm sua existência violentada pela miséria social, tendo em vista a miséria, muitas vezes trocam o corpo por comida... tudo isso fecundado pela circulação de balsas^[2] e outras embarcações nos rios amazônicos que imputam a alcunha de balseiras às caboclas.

Vemos que, além da função estética, o mito e a poesia carregam discursos e interdiscursos, pois se confluem representando não somente um elemento de fruição, mas também uma cosmogonia social. Dos traços enigmáticos, o olhar de mandinga do encantado conquista a cabocla sem o uso de palavras, o mesmo olhar que prende “na rede de desejos”, faz com que seja despertado o afã copulativo...

As caboclas mundiadas
pelo fogo insaciável
do desejo e da paixão,
só pensam cair nos braços
do estranho e atraente ser. (SIQUEIRA, 2007, p. 107)

[2] <https://amazonia.org.br/2017/05/para-e-emblema-da-exploracao-sexual-conheca-o-drama-das-ribeirinhas/>

O encanto do mito só pode ser quebrado com a morte do Boto, a narrativa mitopoética nos fala sobre “a revolta semeada / nos corações dos nativos”, isto é, o alvoroço nas comunidades, o medo da aparição do Boto e o desejo de vingança por conta das violações, atribuídas ao ser mitológico, mas que, em interdiscurso, podem ser resultantes da degradação social que vitimiza as mulheres ribeirinhas.

É briga premeditada
no perau d'alma cabocla,
vingança de todos contra
um ser que ninguém conhece
nem sabe a força que tem. (SIQUEIRA, 2007, p. 107).

Após o início da vingança cabocla, os sujeitos que compõem a narrativa percebem que o ser com quem se luta não é deste mundo, trata-se, portanto, de um encantado. Os versos: “Vazio de um ser-não-sido, / um ser que sendo, não é...”, compreendem, a partir de um paradoxo, a dimensão atemporal do ser mítico, além da coadunação do real com o imaginário, do mito com a poesia, do sujeito amazônico com o encantado, tendo em consideração que tanto a dimensão da realidade, um ser que possui a existência animal, ao mesmo tempo assume a condição humana (pelo imaginário). A transfiguração revela em um ser que é animal (encantado) e ao mesmo tempo não é... Enfim, “um ser-não-sido”...

No entanto o moço parece
feito de sombra e de luz
que as facas buscam seu corpo
e encontram, sempre, o vazio.

Vazio de um ser-não-sido,
um ser que sendo, não é... (SIQUEIRA, 2007, p. 108).

Depois de realizado o intento de vingança, motivado pelo ato “malinador” do encantado, o processo de conversão semiótica se (des)faz... de forma que o encantado realiza o percurso das correntezas do eterno retorno, voltando a ser boto.

Nesse contexto, o corpo do ser paradoxal, em um movimento como de um pêndulo, vai do real para o não-real, (des)encantando-se... do Boto ao boto.

Sob um lençol de silêncio
o luar vela e revela
estranha metamorfose:

o corpo do ser que era
o que deveras não foi,
vai, pouco a pouco, ganhando
nova forma e nova cor.

A rede do encantamento
rompe-se deixando à mostra
os seres que jamais foram
o que aparentavam ser. (SIQUEIRA, 2007, p. 109).

Os sapatos que faziam parte do resplandecente traje do rapaz de branco não são sapatos, retornam à sua condição natural pelo processo de conversão semiótica: “Sapatos não são sapatos, / são dois negros acaris,” e o cinturão “com dois rubis é uma cobra”. E o (des)encanto continua a manifestar-se quando o relógio de pulso transfigura-se em um caranguejo e, todos que assistem a tal espetáculo, que na narrativa constitui-se em imagens impelidas pelas correntezas da linguagem a se passarem no imaginário, encontram-se imersos nas águas do devaneio.

Imersa na preamar
do pavor, aquela gente
descobre que o tal chapéu
- véu de mistério e poder -
é, na verdade, uma arraia
a debater-se no solo
e, finalmente, que o corpo
exangue e desencantado
é de um boto tucuxi. (SIQUEIRA, 2007, p. 110).

Em meio à poética das águas, a descrição do ser (des)encantado se traduz em um movimento dialético entre o real e o não-real, como transfiguração de significado no processo de conversão semiótica. Com isso, o Boto-poeta Juraci Siqueira emprenha a realidade com sua literatura que nos permite, para além da fruição, ver o mundo amazônico com o espírito da cultura local.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecer um diálogo em um processo analítico entre a literatura, o imaginário e a sociedade na Amazônia permite entender as implicações sociais da arte no seio da cultura. Debruçar-se sobre a poesia mítica de Antonio Juraci Siqueira revela, não só os aspectos estéticos da cultura amazônica, mas também, uma reflexão do caráter social, isto é, da realidade que, segundo Loureiro (2016), constitui a lógica alegórica do mito.

A realidade das comunidades ribeirinhas é marcada pelo isolamento geográfico. Ali, o mito constitui uma explicação para a degradação social que atinge e pode levar a gravidez precoce ou abuso sexual sofrido por jovens caboclas. Nesse sentido, além dos aspectos estéticos da cultura amazônica, a mitopoética do Juraci Siqueira nos mostra como a arte atravessa a realidade e como, nas teias da memória e da identidade, o poeta se coloca como filho do Boto.

Por fim, além de procurar realizar uma análise da representação do mito do Boto na poética do Antonio Juraci Siqueira e demonstrar como a figura do (des)Encantado afeta a realidade, o presente texto, de certo modo, convida a um mergulho no rio de produções literárias que traduzem a realidade da região amazônica com traços estéticos, buscando nas correntezas do rio da linguagem, nadar em reflexões atravessadas pelos elementos da sociedade, que vêm sendo, em suas diferentes esferas, emprenhada pelas práticas predatórias de um boto-sistema “mundiador” que quer somente “malinar” a Amazônia...

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CUNHA, Joana. **Pará é emblema da exploração sexual: conheça o drama das ribeirinhas**. São Paulo: 2017. Disponível em: <https://cutt.ly/3x6PKEZ>. Acesso em: 02 jun. 2019.

FARES, Josse. **O boto, um Dândi das águas amazônicas**. Moara. Belém, n. 5: 47-63, abr./set., 1996.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da Amazônia ou literatura amazônica?**. Graphos. João Pessoa. vol 6., n. 2/1, 2004. p. 111-116.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOUREIRO, Paes. **Obras reunidas**. v. 3. São Paulo: Escrituras Editora, 2000a.

LOUREIRO, Paes. **Obras reunidas**. v. 4. São Paulo: Escrituras Editora, 2000b.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. São Paulo: Escrituras Editora, 2008.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A etnocenologia poética do mito**. Ensaio Geral. Belém, v I, n. 2 jul/dez 2009.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Meditação devaneante entre o rio e a floresta**. Arteriais. n. 3, ago 2016.

OLIVEIRA, Sebastião Monteiro; LIMA, Antonia Silva de. **O mito na formação da identidade**. Revista Dialógica, 2006.

PINTO, Marilina. **A Amazônia e o imaginário das águas**. Amazonas: UFAM, 2008.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SILVA, Jaddson Luiz Sousa. **O Marajó encantado do Juraboto**: a cartografia poética de uma máquina de guerra e seu Marajó literário. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-graduação em Artes, Belém: UFPA, 2015.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. **Incêndios e naufrágios**: antologia poética. Belém: Paka-Tatu, 2007.

TORRES, Iraíldes Caldas; BARROS, Rooney Augusto Vasconcelos. **O erotismo do boto amazônico e o enfeitiçamento das mulheres**. Amazonas: UFAM, 2017.

Artigo recebido em: 31 mar. 2021. | Artigo aprovado em: 27 maio 2021.